

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 3404

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3404>

Recebido em: 06/05/2026

Aceito em: 11/07/2026

Mulheres negras na *Revista do Rádio*: entre a presença midiática e a invisibilização racial

Joselaine Caroline

Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

Valesca Silva de Deus Menezes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a presença de mulheres negras nas dez primeiras edições da *Revista do Rádio*, ano de 1948, a partir de uma perspectiva histórica, crítica e de gênero. Com base em pesquisa qualitativa, mobilizam-se a periodização do rádio (Ferraretto, 2012) e a noção de contrato de leitura (Verón, 1980; 2005) para examinar como o discurso midiático da revista construiu e, ao mesmo tempo, encobriu hierarquias raciais e sexistas. Os resultados revelam que, embora a revista registre a presença de sete mulheres negras, o enquadramento dessas artistas recorre à sexualização, à racialização e a estereótipos que subalternizam seus corpos, em articulação com o mito da democracia racial.

Palavras-chave: Mulheres negras. Revista do Rádio. Mídia. Contrato de leitura.

Black Women in *Revista do Rádio*: Between Media Presence and Racial Invisibility

Abstract: This article analyzes the presence of Black women in the first ten issues of *Revista do Rádio* from 1948, drawing on historical, critical, and gender perspectives. Based on qualitative research, the periodization of radio (Ferraretto, 2012) and the notion of the reading contract (Verón, 1980; 2005) are employed to examine how the magazine's media discourse both constructed and, at the same time, obscured racial and sexist hierarchies. The results reveal that, although the magazine records the presence of seven Black women, the framing of these artists relies on sexualization, racialization, and stereotypes that subalternize their bodies, in conjunction with the myth of racial democracy.

Keywords: Black women. Revista do Rádio. Media. Reading contract.

Las mujeres negras en la *Revista do Rádio*: entre la presencia mediática y la invisibilidad racial

Resumen: Este artículo analiza la presencia de las mujeres negras en los diez primeros números de la *Revista do Rádio* de 1948, desde perspectivas históricas, críticas y de género. A partir de una investigación cualitativa, se utilizan la periodización de la radio (Ferraretto, 2012) y la noción del contrato de lectura (Verón, 1980; 2005) para examinar cómo el discurso mediático de la revista construía y, al mismo tiempo, ocultaba jerarquías raciales y sexistas. Los resultados revelan que, aunque la revista registra la presencia de siete mujeres negras, el encuadre de estas artistas se basa en la sexualización, la racialización y los estereotipos que subalternizan sus cuerpos, en conjunción con el mito de la democracia racial.

Palabras clave: Mujeres negras. Revista do Rádio. Medios de comunicación. Contrato de lectura.

Introdução

Elizeth Cardoso – a Divina, um dos maiores nomes da Era de Ouro do rádio (Cabral, 2010; Almeida, 2021), Clementina de Jesus, conhecida como a Rainha Quelé, e Dona Ivone Lara, a Grande Dama do Samba, foram algumas das poucas figuras femininas negras cuja presença resistiu ao apagamento histórico e sistemático ao longo dos anos no campo. A historiografia do rádio ocultou a participação de muitas delas, especialmente locutoras, radialistas e produtoras, criando lacunas que reforçaram a invisibilização acerca da participação desse grupo na esfera radiofônica, assim como de vínculos sociais e contratos de leitura.

Embora o rádio tenha atravessado diferentes fases históricas, a pesquisa prévia (Caroline; de Deus, 2024) evidenciou que, nos âmbitos social, cultural, comercial e acadêmico, persiste uma invisibilização histórica e sistemática dos corpos femininos negros no campo radiofônico. A partir desse achado, a presente investigação direcionou o enfoque para uma periodização histórica e reflexiva sobre a presença de mulheres negras no meio.

Com base nesse percurso, o presente estudo tem como objetivo analisar a presença de mulheres negras nas dez primeiras edições da *Revista do Rádio*, no ano de 1948. O procedimento metodológico trata-se de uma abordagem de caráter qualitativo, com uso do método dedutivo e da técnica de pesquisa documental e bibliográfica, em articulação com procedimentos de codificação teórica (Flick, 2009). Como referência analítica adotamos a proposta de periodização do rádio, elaborada por Ferraretto (2012, p. 6) que corresponde ao

“início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960”, na qual ocorre um período denominado fase de difusão. Isso porque, situa o rádio entre o início da década de 1930 e a segunda metade dos anos 1960, em uma fase marcada pela difusão, quando a publicidade se consolida em 1932, a música ganha centralidade nas rádios comerciais em 1940 e os artistas do rádio passam a ocupar maior evidência nas páginas das revistas na década de 1950.

Na década de 1940 e, sobretudo, nos anos 1950, o rádio consolidou-se como um importante espaço de circulação de discursos, afetos e representações sociais, mas essa centralidade não significou igualdade para a população negra. Embora artistas negros tenham alcançado visibilidade em determinados espaços, a presença negra no meio foi, em grande medida, marcada por limites impostos por hierarquias raciais que restringiam o acesso a posições de prestígio, como locução, direção e produção, além de enquadrar essas presenças em estereótipos e formas seletivas de reconhecimento. Desse modo, a experiência negra no rádio nesse período revela além da simples participação, mas também disputas por legitimidade, visibilidade e voz, evidenciando como a mídia radiofônica através da retórica em seus discursos ajudou a reproduzir, ainda que de forma contraditória, uma percepção ilusória acerca da diversidade e igualdade racial na sociedade e na mídia brasileira.

A Revista do Rádio: o discurso da democracia racial ilusória

Com ampla abrangência no território brasileiro, a veiculação da *Revista do Rádio* foi até 1968, e depois ela se tornou *Revista do Rádio e TV* até 1970, quando atuou como um dispositivo de mediação entre os ouvintes e o cotidiano dos artistas. O discurso, machista e moralista, da época operava sob uma nítida distinção de gênero: aos homens, atribuía-se o arquétipo do heroísmo e do carisma (ídolos e galãs); às mulheres, reservava-se uma representação objetificada, na qual a aparência física e a exploração de aspectos sexualizados prevaleciam sobre o talento artístico. Além disso, as mulheres negras eram frequentemente objetificadas, associando suas atuações ao contexto racial.

Embora a *Revista do Rádio* ignore o racismo enquanto problema social e oriente seus leitores sob a perspectiva do mito da democracia racial, nota-se uma presença, ainda que exígua, de artistas negros nos palcos e nas plateias. Na cronologia do século XX, anteriormente à década de 1930, o rádio encontrava-se em fase de implementação (Ferraretto, 2012), contudo carece

de registros históricos acerca do envolvimento e participação de mulheres ou homens negros. Nas investigações foi possível constatar que durante as décadas de 1940 e 1960 o negro encontrou no meio radiofônico a possibilidade de desenvolver estratégias para sua ascensão social e de mobilidade profissional:

O negro fora aproveitado pelas condições surgidas nessa área de trabalho, graças as novas combinações culturais no plano estético-recreativo, que levaram à comercialização de um tipo de música ao qual esteve historicamente associado. Contudo entre os anunciantes o negro os ouvintes formam o grande público radiofônico, assim como a presença nos programas de auditório de rádio (Pacheco, 2001, p. 5).

Uma parte considerável da história do rádio brasileiro pode ser contada e historicizada por intermédio das revistas especializadas em radiodifusão no Brasil, pois devido a elas, o público pôde associar as vozes dos locutores e intérpretes à sua imagem visual, viabilizada por reportagens, ilustrações e fotografias. As primeiras revistas acompanharam a evolução do rádio e os processos sociais no Brasil e em meados dos anos 1920, nasceu um conjunto de publicações especializadas, consideradas as pioneiras do rádio, simultaneamente ao surgimento das primeiras emissões radiofônicas (Dias; Adami; Fernández-Sande, 2021, p. 5). Segundo Dias, Adami e Sande (2021) foi possível identificar na década de 1920, a *Revista Electron*, com periodicidade bimestral e a *Revista Rádio*, de divulgação científica, fundada em 15 de outubro de 1923.

Conforme os dados, no início da década de 1930, começa o “apogeu do rádio como meio de massa” (Dias; Adami; Sande, 2021, p. 9). Neste período houve um crescimento de emissoras, a regulamentação do decreto de publicidade e, “consequentemente, o aumento na produção e na qualidade da programação, por meio da contratação com exclusividade de profissionais e artistas da música popular brasileira e técnicos especializados” (Dias; Adami; Sande, 2021, 2021, p. 9). Além das revistas mencionadas anteriormente, também podemos citar: a *Carioca*, *Promove*, *Vida Doméstica*, *A Voz do Rádio*, *Cine-Rádio-Jornal*, *Cinelândia*, *Guia Azul* (1939-1948) (Haussen; Bacchi, 2001, p. 2, grifo nosso) e a Revista “*Radiolândia*, um semanário criado em 1952 pela Rio Gráfica e Editora e que circulou até 1962, que o rádio teve o seu maior destaque” (Haussen; Bacchi, 2001, p. 2, grifo nosso).

Já na década de 1940, as revistas aparecem focadas no entretenimento em forma de “notícias sobre os programas de rádio e os artistas contratados, concursos realizados, colunas

sobre cinema, citações de filmes, reportagens especiais, passatempos, crônicas e comentários diversos” (Dias; Adami; Sande, 2021, p. 11). Em 1948 de propriedade de Anselmo Domingues é lançada a *Revista do Rádio*, objeto deste artigo, que teve circulação até o final da década de 1960 e depois se transformou em *Revista Rádio e TV* até 1970 (Zuculoto *et al*, 2023, p. 4).

A revista constava, normalmente, de 50 páginas, capa em geral com fotografias de artistas de rádio, principalmente mulheres, e seu conteúdo era dedicado totalmente a assuntos referentes ao rádio. Possuía uma série de seções, como *Mexericos da Candinha*, *Buraco da fechadura*, de Amauri Vieira, *A vida de Emilinha*, *24 horas na vida do seu ídolo*, *Tudo é Brasil*, sobre o rádio nos demais estados, *Pergunta da semana*: que personagem da história você gostaria de ter sido, respondido pelos artistas, *Correio dos Fãs*, que divulgava cartas de leitores, *Rádio em revista*, sobre notícias recentes, entre outros. As reportagens, em geral, eram sobre a vida dos artistas, com farto material fotográfico (Haussen, 2001, p. 2, grifo nosso).

A par da distinção de gênero, a *Revista do Rádio* exercia uma categorização racial fundamentada em marcadores linguísticos depreciativos ou eufemísticos. A reiteração de adjetivos como “*blackout*”, “*escurinho*”, “*sapoti*” e “*mulata*” para referenciar o corpo artístico negro revela o esforço do periódico em delimitar o lugar da negritude no rádio brasileiro, cristalizando identidades raciais a partir de uma perspectiva externa e estereotipada. A posição da figura de pessoas negras na mídia impressa da época era marcada por uma dualidade: no âmbito dos jornais negros apresentava posição e discurso combativo, moralidade e função política, conforme Pacheco:

Os jornais dos negros representam mais a opinião da classe média dos negros. Nos jornais estão sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Os jornais da raça negra serviam para indicar, através das regras morais, o comportamento que deveriam seguir os membros da comunidade negra. Esses jornais não trabalhavam a imagem na forma de valorização ou estímulo a auto-estima, bem como não havia propaganda nelas que utilizassem a imagem do negro para vender o produto do anunciante. O jornal tinha função mais política como: *Menelik*, em 1915, *Princesa do Oeste* (1915), *O Alfaiate* (1918), *A Liberdade* (1918), *O Bandeirante* (1918), *Kosmo* (1918), *O Clarim da Alvorada* (1924), *A Tribuna Negra* (1928), *Quilombo* (1929), etc (Pacheco, 2001, p. 4, grifo nosso).

Ainda, segundo a autora (2001), a representação negra na comunicação pouco se esforçou para mudar a imagem estereotipada do negro:

a imagem do negro nos meios de comunicação mostra que estes meios: livros literários, teatro, a imprensa, o rádio e a televisão, ao longo da história, pouco,

quando nunca, esforçaram-se para mudar o estereótipo criado em torno da imagem dos afros descendentes pela elite social (Pacheco, 2001, p. 1).

Na análise dos anos posteriores ao período da análise da *Revista do Rádio*, foi possível identificar que os discursos dos escritores da revista, ao final dos anos 1940, apresentavam discursos harmonizados com o mito da democracia racial¹ e negavam a existência do racismo. Tais crenças foram detalhadas em discursos que visavam minimizar as tensões raciais no Brasil, após o ano de 1948:

O preconceito de cor felizmente não existe no Brasil. Essa manifestação de liberdade é evidente no samba “Salve a princesa Isabel”. É o agradecimento sincero do homem de cor pela abolição do cativo. “Preto não é mais lacaio. Preto não tem mais senhor” Sensação de liberdade! O homem nasceu livre, tem que viver livre... (Ileli, 1948, p. 39).

O autor da revista, ao declarar que os negros foram salvos pela princesa Isabel através do samba ou afirmar que “preto não é mais lacaio” (Ileli, 1948), opera como uma tentativa de suavizar as disparidades estruturais, utilizando expressões culturais como a música para validar uma suposta liberdade e harmonia entre as raças. Em outra reportagem, “No rádio não há preconceito de cor”, Caspary (1952) buscava mostrar os artistas negros que através de seus talentos “superaram a epiderme”, ou seja evidenciando um marcador social e político. “No mundo dos microfones não impera a discriminação racial. O exemplo de Black-out; A luta de *Josephine Backer*, mais vale o talento que a epiderme” (Caspary, 1952, p. 34, grifo nosso). Nesse contexto, a epiderme operava como um marcador social, no qual a pele branca definia o arquétipo ideal daquele período, restando ao artista negro o papel do “outro”, dissociado do modelo hegemônico.

Nesta reportagem, observa-se a justificação estereotipada do talento: “talvez porque os pretos sejam mais emotivos e rítmicos” (Caspary, 1952, p. 34), reduzindo a expressão artística a uma característica biológica ou emocional inata. Apesar das evidências de exclusão social, a revista tentou blindar o rádio da segregação racial dizendo que uma cantora como Carmem

¹ O mito da democracia racial refere-se a um estado de plena igualdade entre os cidadãos, sem distinção de raça, sexo ou etnia. A origem do conceito está ligada a uma narrativa que ganhou força na década de 1930, de que o Brasil encontrava uma solução para o racismo na miscigenação (El-Dine; Venancio, 2023).

Costa jamais sofreu discriminação racial: “Carmen Costa (numa montagem fotográfica pitoresca), Elizete Cardoso e Salomé Parisio. Esta, aquela e a outra têm o aplauso do público, que nunca foi racista no Brasil” (Caspary, 1952, p. 34). De outra perspectiva é possível perceber que a revista se ancorava na negação do racismo pelos artistas negros da época, na tentativa de entregar um discurso de harmonia, afim evitar o conflito:

Josephine Baker é a vanguardeira, no rádio, na televisão, no cinema e no teatro, pelo reconhecimento dos direitos dos artistas de côr. No Brasil, ela encontrou o ideal dos seus sonhos: aqui, não há distinção de epidermes, na hora do tributo ao valor artístico (Caspary, 1952, p. 34, grifo nosso).

Ao usar o exemplo de *Josephine*, estrela internacional, o texto influencia o leitor a valorizar a democracia racial brasileira, na qual minimiza uma denúncia racial e qualifica o mérito como uma cortina de fumaça. Em contrapartida, *Baker* foi uma ativista pelos direitos dos negros, quebrando barreiras sociais e culturais por onde passou e mesmo famosa não foi imune ao racismo:

[...] alguns hotéis e restaurantes se recusaram a recebê-la, e em 1951 ela foi adicionada a uma lista de “indesejáveis” do governo e do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) por ter denunciado o proprietário do *Stork Club*, em *Nova York*, por racismo (BBC, 2021, grifo nosso).

Deste modo, a *Revista do Rádio*, através das menções de racialidade, desenvolveu um discurso que buscava influenciar a percepção dos leitores a acreditar que as diferenças raciais não existiam no Brasil. Um trabalho da pedagogia da branquitude, que, de certa forma, neutralizava impulsos para a crítica social. A retórica do discurso da democracia racial e da inexistência de preconceito era construída de forma ambígua, como podemos ver em um exemplo emblemático na edição 157 de 1952, em um trecho que fala sobre relações interracialis. O caso se passa na coluna de Sandra, “Consultório do amor”, que trata o racismo como uma máscara de conselho benevolente, no trecho:

É uma coisa muito séria a questão da diferença de côr entre dois amorosos. A mulher negra — como o homem também — merecem de sobra a perfeita felicidade amorosa. A questão é delicada e se aqui a abordamos motivou-a a carta de um branco que ama uma moça de côr, culta e encantadora, mas que lhe traz um complexo tremendo, se tem de aparecer com ela em público (Revista do Rádio, 1952, p. 16).

Embora o texto comece dizendo que a mulher negra merece ser amada, a autora confirma a complexidade da situação e sugere em seguida uma segregação voluntária em um “ajustamento sentimental”:

Falta a esse homem a necessária superioridade, temeroso que é das absurdas convenções sociais. Parece-nos, pois, como dever de consciência, alertar as jovens de côr, merecedoras, como tôdas, de ventura completa. Devem procurar ajustamento sentimental, junto ao espôso similar, do mesmo nível de cultura e de idêntica situação social. Esse nivelamento completará sua felicidade, pois embora odiosa, a verdade é que complexos estúpidos poderão trazer nuvens futuras, esquecendo-se que alma, cérebro e sentimentos são idênticos em todos os que amam, que devem ser amados e felizes, portanto (Revista do Rádio, 1952, p. 16).

O final do conselho expõe que o amor não deve romper as barreiras da cor se isso causar desconforto social ao homem branco. Neste sentido, o texto aponta um discurso que reforça a manutenção das hierarquias sociais e raciais. Além das relações amorosas, o racismo do rádio também operava de forma silenciosa, limitando a carreira dos profissionais negros: “O racismo sutil ou aberto impede a plena expansão da capacidade artística desses nossos irmãos de côr, dentro do rádio” (Leitão, 1953, p. 14).

A revista ainda utilizava-se de artistas internacionais (como *Duke Ellington* e *Nat Cole*) para distinguir o racismo no Brasil e no mundo. Em um trecho da coluna “Música americana” de Donald Columbo, no texto “O *Colored* e a música”, o autor reforça o mito da democracia racial afirmando: “É grande a diferença para dois países que, felizmente, não possuem o vírus do racismo”, em análise da diferença de protagonismo negro na música em comparação do Brasil e França:

A presença de grande número de norte-americanos negros nos primeiros lugares nos concursos que são realizados não só na América, como também no Brasil, França ou outro qualquer local onde a música americana é cultivada, vem provar que os músicos de cor dominam, muitas vezes, os brancos. Na França, segundo número recente da revista '*Jazz Hot!*', pertence aos *Dukes Ellingtons* e aos *Louis Armstrong* a maioria das melhores colocações. Aqui não são muitos os nomes que podem ser citados nos primeiros postos. Segundo o concurso feito por Sílvio Túlio com o seu '*Disc Jockey*' e Paulo Santos com '*Cinemúsica*', num de seus cálculos parciais, as melhores colocações para os '*coloreds*' são bem diminutas. Levam vantagens sobre os demais músicos os seguintes artistas: *King Cole* com o seu Trio, *Dizzy Gillespie* com ligeira vantagem sobre o comercial *Harry James*, *Nat Cole*, ao piano, *Charlie Parker* e, talvez, alguns outros nomes, nos segundos lugares. Na França, cerca de 30 músicos e cantoras ficaram com os primeiros postos.

Aqui, os músicos de cor possuem um total de aproximadamente 12 colocações honrosas (Columbo, 1951, p. 43, grifo nosso).

A coluna reconhecia a disparidade numérica, celebrando talentos como *King Cole* para mostrar que a revista admirava os negros, mas negava a causa do racismo, preferindo tratar o preconceito como uma doença, um tipo de vírus, da qual o Brasil estaria imune. Além disso, os exemplos estrangeiros, de certa forma colaboravam para mascarar a ausência e a exclusão de artistas negros nacionais.

A mediação da invisibilidade racial pela *Revista do Rádio*

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se como fonte principal a *Revista do Rádio*, consultada por meio da Hemeroteca Digital, portal de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional. De forma remota, foi possível analisar as 44 páginas de cada uma das dez primeiras edições do ano de 1948. Além das fotografias, fizemos uso de um filtro de palavras-chaves para capturar através de texto, inserções que enquanto marcadores sociais remetem às pessoas negras citadas nas edições exploradas. Posto isso, selecionamos os seguintes adjetivos: “*colored*”², “negrinho (a)”, “escurinho (a)”, “*blackout*”, “moreno (a)”, “homem de côr”, “mulher de côr” “sapoti”, “preto (a)” e “mulato (a)” e negro (a) utilizados para menção aos artistas negros.

Com base nisso, cabe mencionar que, o termo “morena” aparece em tom de sexualidade, em formato de elogios para as mulheres brancas com pele bronzeadas. Por exemplo, na reportagem “Um produto bem brasileiro” (Noronha, 1948, p.34) que detalhou a trajetória de Lurdinha Bittencourt ou sobre a rádio-biografia de Ademilde Costa: “E assim a história simples dessa morena, bem brasileira, que um dia lá na distante Natal resolveu transformar seu sonho de moça em feliz realidade” (Filho, 1948, p. 13).

² A Revista usava o termo com frequência para se referir às pessoas negras. De acordo com Cambridge Dictionary, *colored* vem de *color* como ortografia americana que com o sufixo “ed” em português entende-se como um adjetivo “de cor”. Conforme a Enciclopédia Americana de Rádio, as *Colored People* eram as pessoas de cor (Sies, 2000, p. 23).

Posto isso, como veremos na tabela a seguir, no corpus da pesquisa foram identificadas as profissões de cantora, bailarina e atriz, que totalizaram a aparição total de sete mulheres negras no primeiro ano da revista.

Tabela 1: Coleta de dados na Revista do Rádio

Artista	Profissão	Tratamento	Reportagem	Referência
Carmen Brown	Bailarina	“Carmem Brown não dançava nua, mas, reparando bem, vemos que pouco... pouco faltava”.	“Outra Josefina Becker?”	<u>1948, Ano 1, ed. 3, p. 3</u>
Josefina Baker	Bailarina	“Bailarina negra”	“Você sabia?”	<u>1948, Ano 1, ed. 3, p. 18</u>
Zilda, Carmen Costa e Horacina Corrêa	Cantoras “mulatas”	“Elemento mestiço”	“A mulata é a tal”	<u>1948, Ano 1, ed. 4, p. 15</u>
Lena Horne	Atriz	“ <i>Colored</i> ”	Nota sem título	<u>1948, Ano 1, ed. 9, p. 39</u>
Horacina Corrêa	Cantora	“Tipo acabado da mulata brasileira”	“Os artistas de côr vencem no rádio”	<u>1948, Ano 1, ed. 10, p. 24</u>
Carmem Costa	Cantora	“Carmem Costa casou-se com um tenente americano”	“Os artistas de côr vencem no rádio”	<u>1948, Ano 1, ed. 10, p. 25</u>
Carmem Barbosa	Cantora	“Carmem Barbosa, saudade de uma cantora que morreu”	“Os artistas de côr vencem no rádio”	1948, Ano 1, ed. 10, p. 25
Total: Sete	Quatro cantoras, duas bailarinas e uma atriz.			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

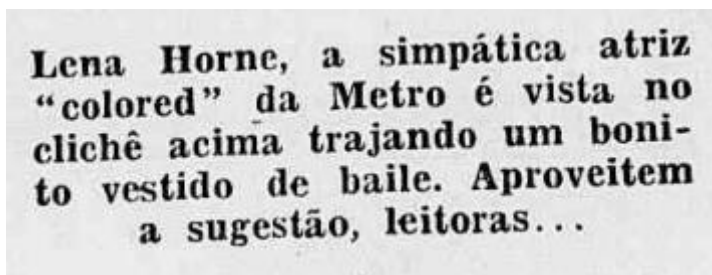
De acordo com Viviane Borelli (2016), os discursos no ambiente midiático instituem vínculos entre as mídias e seus públicos específicos, em que ocorrem múltiplas ordens entre os leitores por meio de distintas enunciações. A partir de Verón (1980), compreenderemos como as enunciações podem ser interpretadas sob as lentes dos contratos de leitura – dispositivo analítico que configuram a relação institucional e discursiva de um texto midiático com seus

leitores, e articula as formas como eles devem reconhecer, interpretar e circular o conteúdo midiático. Para o autor o dispositivo de enunciação, engendra o enunciador e o destinatário, construindo uma proposta de interpretação no interior do próprio discurso (Verón, 2005), e tal visão nos ajuda a compreender o contexto enunciativo, assim como a produção de sentido acerca da representação das mulheres negras nas matérias da *Revista do Rádio*, pois o exercício discursivo produz e sustenta relações de poder (Brah, 2006).

Acompanhando a ordem cronológica das publicações, a seguir iremos analisar a partir da Tabela 1 em articulação com a essência do contrato de leitura. No entanto, buscaremos identificar como o discurso estabelece códigos e marcadores sociais a partir da ideologia eurocêntrica do período selecionado, uma vez que eles apresentam relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto (Brah, 2006), em que raça, gênero, assim como classe social, entre outros, são vistos como marcadores sociais da diferença. Isso porque, segundo Verón (1980) fenômenos ideológicos atravessam discursos, portanto a leitura da ideologia precisa ser contextualizada para ir além da leitura puramente interpretativa.

A nota sobre Lena Horne, mostra como os jornais utilizavam-se dos contratos de leitura para estabelecer as diferenças. O texto traz a luz o fato dela ser “*colored*”, ou seja, uma pessoa de cor, e além disso se abstém apenas a comentários relacionados ao vestido da atriz, cuja estratégia é de atrair a atenção das leitoras femininas, fixando de maneira indireta a ideia de que para as mulheres está reservado apenas relações com campo estético.

Figura 1: Nota da *Revista do Rádio*, 1948, Ano 1, ed. 9, p.39.



Fonte: Arquivo *Revista do Rádio* (Hemeroteca Digital Brasileira)

O destaque ao fato de Lena Horne ser uma pessoa de cor, pode ser visto como um marcador social que produz efeitos concretos no cotidiano, uma vez que, os traços fenotípicos negros “só têm significados no interior de uma ideologia preexistente (para ser preciso: de uma ideologia que cria os fatos, ao relacioná-los uns com os outros), e apenas por causa disso funcionam como critérios e marcas classificatórios” (Guimarães, 1997, p. 47).

Já no caso da reportagem intitulada “Os artistas de cor vem vencendo no rádio” (Figura 3) é possível identificar a exaltação ao talento e reconhecimento das atividades profissionais e feitos dos artistas negros masculinos, enquanto às mulheres negras a matéria realiza uma breve descrição de suas atividades, ou até mesmo de seus matrimônios. Carmem Costa é apresentada como esposa de um tenente americano, como se esse fato fosse a maior conquista artística da cantora, que também é apontada como intérprete de uma canção que se tornou popular. Horacina Corrêa é descrita como sambista de verdade no corpo da matéria, contudo a legenda de sua foto consta: “o tipo acabado de uma mulata brasileira”. E por fim, à Carmem Costa apenas a inserção “saúde de uma cantora que morreu”.

Carmem Brown, bailarina negra, nascida na Noruega, se mudou com seu marido, o jornalista e escritor chileno Herman Munoz Garrido para o Brasil, e foi retratada pela *Revista do Rádio* através de uma comparação com a cantora e dançarina norte-americana *Josephine Baker*, por conta de sua performance. Contudo, o texto refere-se a ela como excêntrica e aponta que apesar da tentativa de desenvolver uma performance marcante como a da estadunidense, ela não dançou nua, ainda que fosse possível reparar que faltava pouco para que assim o estivesse.

Figura 2: Matéria “Os artistas de cor vencem no rádio”, 1948, Ano 1, ed. 10, p. 24.

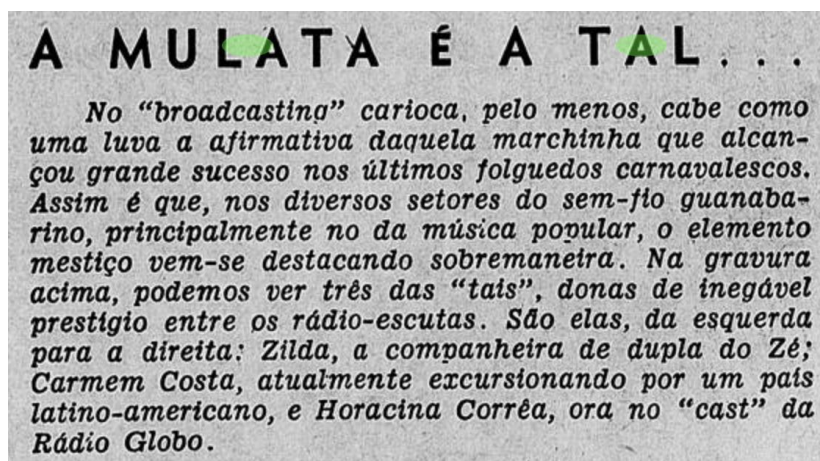


Fonte: Arquivo *Revista do Rádio* (Hemeroteca Digital Brasileira).

sexismo como uma dimensão central da desigualdade brasileira, mas insiste que ele não pode ser pensado separado do racismo. Para ela, as mulheres negras vivem uma opressão específica, porque o sexismo incide sobre elas de modo articulado à discriminação racial, o que produz posições sociais mais vulneráveis, menor acesso a direitos e maior depreciação simbólica.

Na reportagem “A mulata é a tal”, as cantoras Zilda, Carmen Costa e Horacina Corrêa são apenas descritas em suas funções, contudo é possível identificar o sentido discursivo na forma como a matéria enfraquece a reputação e o sucesso das cantoras citadas, quando aponta que o prestígio das mesmas está localizado entre os ouvintes e não necessariamente entre os profissionais do rádio e da música. Paralelamente, quando a matéria menciona que o “elemento mestiço” vem se destacando entre setores da música popular brasileira, demonstra nas entrelinhas que o sucesso das cantoras não está localizado nos locais de prestígio e reconhecimento institucionalizados.

Figura 4: Nota da *Revista do Rádio*, 1948, Ano 1, ed. 4, p. 15.



Fonte: Arquivo *Revista do Rádio* (Hemeroteca Digital Brasileira).

Em uma perspectiva histórica, cabe salientar que durante o período colonial os termos mulato e mestiço, costumavam ser utilizados de forma pejorativa para desqualificar e inferiorizar pessoas e estabelecer hierarquias sociais e raciais, indicando associação direta ou indireta (Lara, 2019). Entretanto, os sentidos produzidos no contrato de leitura que apresentam

cunhos ideológicos engendrados em suas nuances possibilitam a captura de vieses que de certa forma acabam promovendo uma hierarquia racial.

As inserções da *Revista do Rádio* durante o seu primeiro ano, produziram sentidos ambíguos, que ora buscavam naturalizar a presença as pessoas negras no meio através do discurso da democracia racial, ora provocavam distanciamento, quando acompanhados de códigos linguísticos que produzem sentidos negativos, abrindo precedente para interpretações de diferentes naturezas, como é o caso da nota sobre o emprego da palavra mulata, analisada anteriormente.

À bailarina estadunidense *Josephine Baker*, a *Revista do Rádio* reservou apenas uma curiosidade na seção *Você Sabia*, em que inclusive, aponta o fato dela não ter feito sucesso no rádio brasileiro. Como mencionamos anteriormente, a dançarina também foi citada em outra matéria, como famosa negra américo-europeia, e a menção à ela estava relacionada ao fato de performar com poucas vestes em suas apresentações.

De acordo com Martha Abreu, “o campo musical tornou-se um importante local de discussão e de subversão das hierarquias raciais e das representações dos descendentes de africanos” (2019, p. 229). *Josephine Baker* é uma das figuras relevantes que romperam com o padrão de representação passiva e subalterna atribuído às artistas negras. Ao desafiar o racismo no campo do entretenimento, acabou impondo a presença negra de uma forma sofisticada, autônoma e politicamente afirmativa, e em sua passagem pelo Brasil transformou a visibilidade em estratégia, usando a própria fama e imagem para confrontar práticas racistas. Contudo, na revista ela foi reduzida apenas a uma bailarina que marcou a memória coletiva por conta do figurino reduzido em suas performances artísticas, e em outro momento teve sua tentativa de inserção e participação no mercado brasileiro exposta como algo negativo.

Conclusão

Os discursos midiáticos totalizantes de veículos de mídia de massa como a *Revista do Rádio*, tentaram estabelecer uma paisagem de que não havia racismo no Brasil, e com isso fortaleceram o mito da democracia racial que resultou no confinamento da presença negra a espaços específicos de aceitação social, como a ludicidade e a música. Não obstante, no que

concerne às mulheres negras, a reprodução de discursos machistas, racistas e sexistas pelas mídias de massa no cruzamento com os processos sociais colaborou fortemente para produções de sentidos estigmatizantes no imaginário coletivo brasileiro. A desvalorização simbólica que aparece no discurso da *Revista do Rádio* revela como a mídia constrói e determina a partir da retórica, a percepção de que essas mulheres possuem menor direito em diversas instâncias, até mesmo no campo do afeto, como foi possível ver ao longo da pesquisa, por conta das diferenças raciais e sociais. Isso porque, para Avtar Brah, a diferença no âmbito das relações sociais “[...] é constituída e organizada em relações *sistemáticas* através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais” (Brah, 2006, p. 362, grifo nosso).

Os discursos sobre artistas negras, como foi possível compreender, mostram que os códigos linguísticos são articulados nos contratos de leitura com o intuito de promover um alinhamento da instituição *Revista do Rádio*, como uma mídia que reconhece a democracia racial brasileira e busca a igualdade acerca das diferenças raciais entre os artistas negros, contudo a carga de sentido, por vezes, de forma sutilmente pejorativa, constantemente apresentaram discursos que engendram e estabelecem os artistas negros no campo do exótico. A pouca visibilidade de mulheres negras na *Revista do Rádio* resulta de um acordo silencioso que articula raça e gênero, omite a presença desses corpos e produz contratos de leitura que reservam o protagonismo, a autoridade e a centralidade a artistas e profissionais brancos. Ao mesmo tempo, a invisibilidade, o silenciamento e os demais procedimentos de opressão sobre corpos femininos negros são resultados de um sistema que os torna passíveis de diferentes tipos de violência, seja física, material ou imaterial.

No entanto, a pesquisa também aponta um caminho de resistência: a longa hegemonia do mito da democracia racial tem sido, aos poucos, deslocada em favor do reconhecimento de que o racismo estrutura relações sociais, econômicas e culturais de modo profundo (Werneck, 2017). Ao analisar os discursos da *Revista do Rádio*, este estudo identificou tanto as estratégias discursivas que resultam em objetificação, racialização e sexualização dos corpos femininos negros, assim como as marcas de resistência e protagonismo das mulheres negras no campo radiofônico, contribuindo para repensar a história da mídia brasileira a partir da perspectiva afrodiaspórica e feminista negra.

Referências

ABREU, M. Músicos negros e racismo no mundo atlântico: o caso de Eduardo Neves (1874-1919). In: BALABAN, Marcelo; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze (orgs.).

Marcadores da diferença: raça e racismo na História do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019.

ALMEIDA, A. T. d. “Sou divina, sim senhor”: A importância de Elizeth Cardoso no cenário musical brasileiro da década de 1960. In: Associação Nacional de História (ANPUH), XXXI, 31º, 2021, Rio de Janeiro. **Anais...** p. 1 -21.

BBC. A extraordinária vida de Josephine Baker, dançarina e espiã que será homenageada na França. **BBC**, on-line, nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59453094>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BORELLI, V. Sentidos produzidos por leitores acerca de suas inscrições no ambiente midiático. **Dispositiva**, v. 5, n. 1, p. 60–77, apr. 2016.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329–376, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644745>. Acesso em: 22 abr. 2026.

CAMBRIDGE, D. Colored. **Dictionary Cambridge**, on-line, [s.d]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/colored>. Acesso em: 18 mar. 2026.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAROLINE, Joselaine; DE DEUS, Valesca. Não vejo, não ouço e não falo: apontamentos sobre a (não) presença das mulheres negras no rádio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 44, jan. 2024.

--

CASPARY. No rádio não há preconceito de côr. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1952, ed. 164, p. 1-69. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=8280>. Acesso em: 18 abr. 2026.

COLUMBO, D. O “Colored e a música”. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1951, ed. 80, p. 43. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pesq=%22Racismo%22&pagfis=3924>. Acesso em: 10 abr. 2026.

DIAS, L. M.; ADAMI, A.; SANDE, M. F. Revistas especializadas de rádio no Brasil e a espetacularização (décadas de 1920 a 1950). **Acervo**, v. 34, n. 3, p. 1–16, 2021. DOI: 10.64729/an.acervo.v34i3.1640. Disponível em:

<https://revistaacervo.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1640>. Acesso em: 22 abr. 2026.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/418>. Acesso em: 22 abr. 2026.

FILHO, R. Rádio-biografia: Ademilde Fonseca. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948, ed. 4- p. 13. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=146>. Acesso em: 13 fev. 2026.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1983.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1997.

Haussen, D. F., & Bacchi, C. S. A Revista do Rádio através de seus editoriais (década de 50).

In: Intercom, (XXIV), 10. (2001, setembro). Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6HAUSSEN.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

ILELI, J. M. A história de três sambas de sucesso. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948, ed. 2, p. 39. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=85>. Acesso em: 20 abr. 2026.

LARA, S. H. Pretos, pardos e mulatos: cor e condição social no Brasil da segunda metade do século XVIII. *In: BALABAN, Marcelo; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze (orgs.). Marcadores da diferença: raça e racismo na História do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2019.

LEITÃO, A. C. Cada cabeça, cada sentença. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1935, ed. 223, p. 14. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pesq=%22Racismo%22&pagfis=11337>. Acesso em: 18 fev. 2026.

NORONHA, A. Um produto bem acabado. Curiosidades sobre Lurdinha Bittencourt - passado, presente e futuro... outras notas. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948, p. 34. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=34>. Acesso em: 18 fev. 2026.

OLIVEIRA, I. de M.; SANTOS, N. C. S. Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 9–20, 2018. DOI: 10.17564/2316-3801.2018v7n2p9-20. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4463>. Acesso em: 22 abr. 2026.

PACHECO, H. de P. Representatividade da imagem do negro nos meios de comunicação: Revista Raça Brasil e a Imprensa Brasileira. In: INTERCOM XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande. **Anais...** MS. 2001.

REVISTA DO RÁDIO. A mulata é a tal... **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948. ano 1, ed. 4, p. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=148>. Acesso em: 30 mar. 2026.

REVISTA DO RÁDIO. Das fans. **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, 1948. Ano 1, ed. 9. p. 39. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pesq=&pagfis=392>. Acesso em: 13 mar. 2026.

REVISTA DO RÁDIO. Outra Josefina Baker. **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948. Ano 1, ed. 3, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=94>. Acesso em: 29 mar. 2026.

REVISTA DO RÁDIO. Você sabia? **Revista do Rádio**, on-line. Rio de Janeiro, 1948, ano 1, ed. 3, p. 18. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&Pesq=colored&id=3246906002879&pagfis=109>. Acesso em: 22 jan. 2026.

SIES, L. F. Encyclopedia of American Radio 1920 -1960. **Library of Congress Cataloguing**, on-line. -In- Publication Data. Estados Unidos, 2000. p. 23. Disponível em:

<https://www.worldradiohistory.com/BOOKSHELF-ARH/Business/Encyclopedia-of-American-Radio.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2026.

SILVA, V. C.; SILVA, W. S. Marcadores sociais da diferença: uma perspectiva interseccional sobre ser estudante negro e deficiente no Ensino Superior brasileiro. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62, p. 569-586, ago. 2018.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

ZUCULOTO, V. R. M.; FERRO, R. X. d. O.; ALVES, D. C.; SOUZA, P. G. d.; SILVA, L. R. A.; ZUCCH, É. M. As mulheres na Revista do Rádio entre 1948 e 1950: a presença feminina no auge da Era de Ouro. **Intercom**, v. 46, n. 14. 2023.

Dados de Autoria

Joselaine Caroline

E-mail: jcarolinesk@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2751-3688>

Instituição: Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

Minibiografia: Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Investigadora Associada do Centro de Investigação em Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (CEI-ISCTE).

Valesca Silva de Deus Menezes

E-mail: valescaluz.click@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1976-349X>

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Minibiografia: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não se aplica.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Valesca Silva de Deus Menezes

Coleta de dados:

Valesca Silva de Deus Menezes

Análise e/ou interpretação dos dados:

Joselaine Caroline

Escrita e redação do artigo:

Joselaine Caroline, Valesca Silva de Deus Menezes

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Joselaine Caroline, Valesca Silva de Deus Menezes

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Valesca Silva de Deus Menezes

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica: não houve financiamento externo.

Liste os financiadores da pesquisa:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

A pesquisa não utilizou seres humanos como base de dados.